

DanteCultural



Ano VIII - Número 20 - Março de 2012

ISSN 1980-637X

A Itália em nossos palcos

A chegada de atores, empresários e diretores italianos durante a década de 50 colaborou imensamente para o desenvolvimento do teatro brasileiro e tornou-se um marco na história dessa arte por aqui

Sérgio Cardoso, Cacilda Becker e Nydia Lícia em "Entre Quatro Paredes", peça de 1950

Entrevista:

A ex-aluna Renée Castelo Branco conta sua experiência no jornalismo e mostra que o segredo do sucesso na carreira é o constante aprendizado

Renascimento:

Em dois livros publicados recentemente, Giorgio Vasari, que inaugurou a história da arte como a conhecemos, conta a vida de Michelangelo e passagens do Renascimento

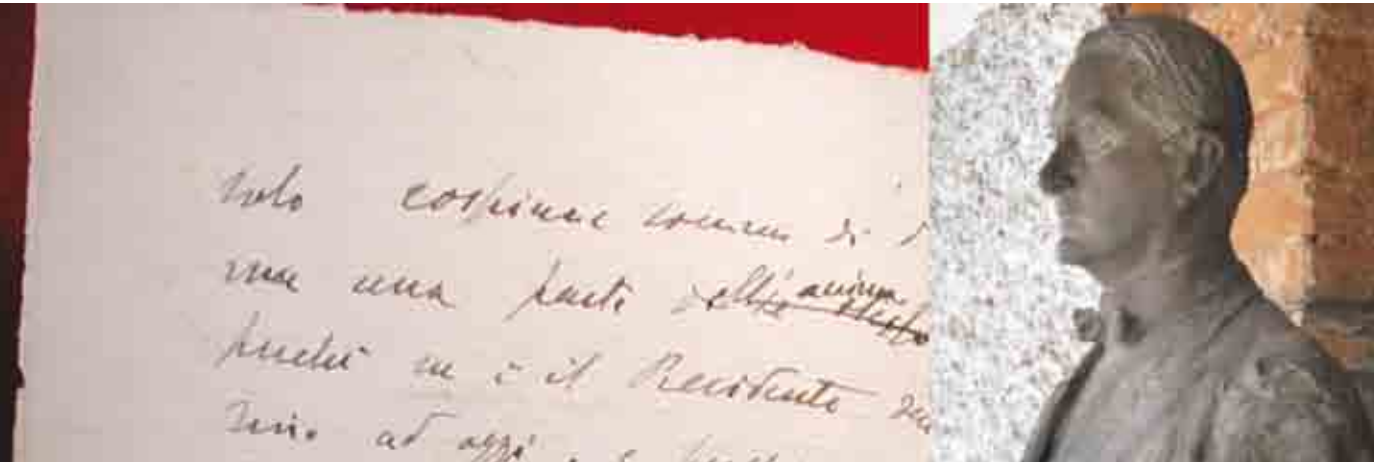
Trentino Alto-Adige:

As influências da cultura alemã no turismo e na gastronomia dessa região italiana

Uma parte da alma

Vida de Crespi e do Istituto Medio

Texto: Alessandro Dell’Aira Fotos: Alessandro Dell’Aira e João Florencio Tradução: Francisco Degani



Resumo dos episódios anteriores. O Istituto Medio Dante Alighieri, fundado em São Paulo em 1911 por iniciativa da Società Dante Alighieri e com o apoio financeiro e moral de Rodolfo Crespi e de um grupo de abastados emigrados italianos, tornou-se importantíssimo. Tão prestigiado que os patrícios famosos em visita a São Paulo vinham visitá-lo. Assim fizeram Luigi Pirandello e a atriz Marta Abba no mês de agosto de 1927. Sobre aquela visita somos informados não só pela crônica



paulistana, mas também pela epígrafe de um ex-libris de Renata, primeira filha de Rodolfo e esposa de Fábio da Silva Prado, futuro prefeito de São Paulo: “Não procures nada que não venha de ti”.

Maio de 1937. Por iniciativa das autoridades estaduais e municipais, abre-se em São Paulo uma grande exposição comemorativa dos cinquenta anos da imigração oficial no Brasil. O meio século da presença italiana no Rio Grande do Sul já havia sido comemorado em 1925. Mas a capital do Estado número um da Grande Confederação, alvo do maior fluxo de europeus, deseja expressar nova gratidão aos imigrantes, sobretudo aos italianos, pela contribuição que davam à produção agrícola e industrial, à qualidade da educação, ao desenvolvimento dos comércios, da arquitetura e da arte.

O orgulho da Itália foi o seu pavilhão, montado no Parque Dom Pedro II, local da exposição. Essa e outras iniciativas foram firmamente coordenadas pelo diplomata italiano Guido Romanelli, enviado de Roma para a ocasião. Rodolfo Crespi é o protagonista do curta-metragem *Cinquant’anni di colonizzazione italiana in Brasile*, realizado “sob os auspícios das autoridades italianas”, com imagens do cotonifício da Mooca; da fábrica de chapéus da Vila Prudente; do conde Rodolfo no seu escritório; da escola maternal planejada e dirigida pela esposa de Rodolfo, condessa Marina; da mansão da



“Cinquant’anni di colonizzazione italiana in Brasile”: Rodolfo Crespi em seu escritório

família Crespi na Avenida Paulista; e da fazenda de Araras, também visitada por italianos ilustres, como Pietro Badoglio em 1924 e Italo Balbo em 1931.

Rodado em abril de 1937, o filme, de 20 minutos, integra hoje o acervo da Cinemateca Brasileira. Três minutos são dedicados ao *Istituto Medio*. Algumas sequências do cotonifício e da fábrica de chapéus foram depois exibidas em um cinejornal italiano, produzido em 1939 pelo Istituto Luce. O documento é precioso, seja pela narração que acompanha as imagens, seja pela linguagem dos corpos, cujos movimentos se tornam menos controlados e mais eloquentes em tempos de relativa espontaneidade dos sujeitos.

Três anos antes, Crespi fora excluído da administração do *Istituto*. Com as alterações no estatuto da sociedade fundadora, concluídas no fim de 1934, ele foi nomeado presidente perpétuo, cargo que não previa as funções de controle e de representação. Tais funções eram agora atribuídas ao cônsul-geral da Itália, presidente honorário do Conselho de Administração, e ao diretor-geral pedagógico, Luigi Borgogno, enviado pelo governo italiano. Crespi, com relutância, colaborou na revisão do estatuto. Alguns meses depois, e imitado por parte dos sócios fundadores, renunciou às suas cotas de capital em favor do governo italiano,

pois lhe deram a entender que a Società Dante Alighieri seria fechada. Em dezembro de 1935, o embaixador da Itália no Brasil, Roberto Cantalupo, escreveu a Mussolini, naquela época também ministro das Relações Exteriores: “... Com prazer reconheço que a dita transformação... se deve só ao professor Luigi Borgogno”. Um ano antes, em dezembro de 1934, assim escrevera ele ao cônsul-geral da Itália em São Paulo, Gaetano Vecchiotti: “... Crespi poderá renunciar às próprias [cotas] perante a assembleia e por escrito, para não perder a reputação. Ao fazer assim, será impossível pensar que ele sofre.”

L’Unione, jornal dos ítalo-brasileiros de São Paulo, no dia 8 abril de 1935, uma segunda-feira, escrevia: “A colônia gostaria de conhecer as razões que convenceram o conde Rodolfo Crespi a se afastar do *Istituto Medio Dante Alighieri*, que, como todos sabem, foi fundado por ele e levado por ele ao atual nível de prosperidade... Não estamos em condição de saciar as justas e naturais curiosidades da colônia, mas achamos que o conde Crespi não teria qualquer razão para se magoar...”

Nos três minutos rodados no *Istituto Medio* em 1937, o estado de ânimo de Crespi é denunciado pela linguagem do corpo. Na tribuna de honra, ele não está na primeira fila. Ao entrar e sair do prédio, mantém um baixo perfil de visibilidade.

Até a imponente figura do cônsul-geral Castruccio, ao centro dos dois fotogramas, parece não compartilhar do clima marcial da manifestação que celebra o aniversário de Roma com a cerimônia da Leva Fascista (uma espécie de rito de passagem para jovens ingressantes no Partido Nacional). Aliás, Castruccio, medalha de ouro pelo brio militar na Primeira Guerra Mundial, tornou-se em 1943 cônsul-geral da Itália em Salônica. Na cidade grega, aproveitando-se de sua posição, substraiu centenas de judeus à deportação para a Polônia (deportação essa ordenada pela SS), organizando-lhes um trem para Atenas, cidade então controlada pelo Exército italiano.



Mas, agora em São Paulo, de um extremo a outro da arquibancada do *Istituto Medio*, por ordem de Roma, estende-se uma longa faixa com a frase de Mussolini: “Crer, obedecer, combater”. Da fachada do ginásio, financiado por Crespi e doado ao *Istituto* em 1917, foi retirada a placa de bronze do escultor Armando Zago, com o perfil do doador e com os agradecimentos de professores e estudantes. Em uma foto dos anos 50, porém, a placa já aparece de novo em seu lugar de origem.

A Crespi não sobraria muito para viver. Faleceu em São Paulo, no dia 27 de janeiro de 1939, depois de uma existência álcere e exitosa, pontuada por momentos de profunda decepção, dos quais o mais duro foi o trágico falecimento do filho Dino, aos vinte e nove anos. Em seu testamento, Rodolfo se declarou fascista, sublinhando que já se reconhecia como tal “antes mesmo que o fascismo existira como partido”. Chegou a determinar que o sepultassem em trajes de camisa-negra. Apesar disso, examinando as fontes primárias, verbais e não verbais (os rascunhos de 1924 e o curta-metragem de 1937), é válido cogitar sobre o que ele realmente quis dizer, pouco antes de morrer, ao definir-se como “fascista”. Pode-se supor, por exemplo, que tivesse a consciência do próprio atuar “quase ditatorial”, e a autopercepção do papel de capitão da indústria italiano no estrangeiro, ficando rico do nada, financiador de Mussolini e da sua política estrangeira. É de notar, porém, que, enquanto pôde administrar e representar o *Istituto* para cuja fundação havia intensivamente se dedicado, isto é, até o ano de 1934, a linha educativa se manteve livre e independente das pressões externas. O *Istituto Medio*, para ele, mais que uma criação própria, era mesmo “uma parte da alma”. Ele o fundara para o bem dos próprios filhos e dos outros. Para o bem dos jovens de São Paulo. Seu coração mandou, ele obedeceu. O coração de Rodolfo Crespi só cumpria as ordens de Rodolfo Crespi.



“Não procures nada que não venha de ti”. No ex-libris da filha Renata, essa frase de Pirandello não é sinal de íntima adesão às grandes campanhas políticas italianas. Ela se relaciona, sim, com os rascunhos escritos em Roma três anos antes da visita de Pirandello a São Paulo. Ao longo de toda a vida, Rodolfo procurou em si mesmo as razões de sua atuação política e social. Nos momentos difíceis, talvez lhe sucedesse procurar alguma luz, mas não era homem de consentir turvar-se a razão, nem de permitir ludibriar-se por miragens. Sob qualquer céu, mais do que ao sol, pediu ajuda às estrelas. Como fez em Roma com aquela estrelinha no papel timbrado do Grand Hotel da Via Veneto, por ter-lhe talvez lembrado o

olhar de uma moça entrevista na cozinha daquele Hotel Comércio da Rua Florêncio de Abreu, em São Paulo. Os dedos dela, enfarinhados, dançavam entre feiras de *cappelletti*. Em muitos brasões há pelo menos uma estrela. Mas aquela estrelinha do Excelsior, Rodolfo a colocou no seu brasão, firme no zênite de uma torre isolada, destacada em um gramado.

Colonização? *Figüres*. Exageros da política. Aquela estrelinha ainda brilha no firmamento e na alma de São Paulo. As luzes do céu, a cintilar nos olhos dos namorados, no papel timbrado dos hotéis, no brasão de pedra e de celuloide, nos livros de qualquer um que não procure nada que não venha de si, são parte da alma do mundo.

